



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #1



26 DE JANEIRO DE 2017

EUA, China e Rússia: um novo quadro estratégico?

Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

Ao longo de mais de dezoito anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas e pela envergadura de seu Conselho Curador.

Conectado à agenda internacional, o CEBRI identifica e analisa as mais relevantes questões internacionais, promovendo o engajamento entre a produção de conhecimento e a ação política.

www.cebri.org

EXPEDIENTE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Galli de Amorim** | Coordenadora de Projetos: **Luciana Gama Muniz** | Consultor em Comunicação e Conteúdo: **Nilson Brandão** | Gerente Administrativo-Financeira: **Sônia Costa Guimarães da Rocha** | Supervisora de Comunicação e Eventos: **Bárbara Brant Oliveira Andrade** | Analistas: **Ariane Costa dos Santos**; **Verônica Teixeira Glória** | Assistentes: **Camila Guedes de Menezes Sabino**; **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Estagiários: **Carina de Souza Torres Faria**; **Mariana Guimarães de Souza**; **Vitor Burckarte Patelli** | Voluntários: **Gabriel de Barros Torres**; **Larissa Soares dos Santos**.

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Candelária, 9 - Grupo 201 - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 20091-020 - Tel: + 55 21 2206-4444 - cebri@cebri.org.br - www.cebri.org.br.

MANTENEDORES CEBRI:



PARCEIROS DE PROJETOS:



CEBRI *Breaking News* é uma série de debates sobre os mais atuais temas da agenda global, promovida pelo Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI). Estruturado a partir das contribuições de uma ampla rede, que inclui membros da governança do CEBRI – distintos empresários, embaixadores e acadêmicos – e *senior fellows* externos, o projeto combina conteúdo de qualidade e “timing”. Além dessa cuidadosa curadoria, os debates incluem mediação e contribuição direta de membros do Conselho Curador da instituição.

A iniciativa englobará também a produção de sínteses sobre os encontros, como o presente documento. Na primeira edição, no dia 26 de janeiro de 2017, o CEBRI *Breaking News* tratou do tema “**EUA, China e Rússia, um novo quadro estratégico?**”, apresentando perspectivas desde novas e potenciais correlações de forças entre as grandes potências, antagonismos regionais, prováveis pontos de tensão e a dimensão histórica, a partir da década de 30 do Século XX. Um olhar para o futuro que inclui e integra a experiência mundial.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos palestrantes pela participação: **Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa** (Vice-Presidente do Conselho Curador do CEBRI), **Ministro Marcílio Marques Moreira** (Membro do Conselho Consultivo do CEBRI e Presidente do Conselho Empresarial de Políticas Econômicas da Associação Comercial do Rio de Janeiro) e **Professor Renato Galvão Flôres Junior** (Membro do Conselho Curador do CEBRI e Diretor do Núcleo de Prospecção e Inteligência Internacional da Presidência da Fundação Getúlio Vargas).

26 DE JANEIRO DE 2017

EUA, China e Rússia: um novo quadro estratégico?

Da série de medidas já adotadas ou indicadas pelo Presidente americano Donald Trump, as que se referem à forma como o novo líder internacional encara outros países e como isso influencia o tabuleiro global têm sido dos campos mais intrigantes de análise e desenho de perspectivas para o futuro próximo. Desde quando manteve contato telefônico com a Presidente de Taiwan, Tsai Ing-Wen, ainda em dezembro de 2016, e isso a despeito do histórico e tradicional cuidado dos americanos com relação ao Estado insular, uma questão cara à China, a sinalização parecia clara de que o então governo eleito faria gestão francamente diversa com relação à potência asiática, mas também ao mundo. Algo a que os diplomatas americanos não estão acostumados. Os principais atos e declarações na primeira semana da Era Trump confirmaram: promessas de campanha eram para valer.

Tendo como pano de fundo esse cenário, o Vice-Presidente do CEBRI, Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa, o Ministro Marcílio Marques Moreira e o Conselheiro do CEBRI e Professor e Diretor da FGV, Renato Flôres, mediados pelo Presidente do CEBRI, José Pio Borges, debateram ao longo de duas horas durante o CEBRI *Breaking News*. Naquela manhã, repercutia no Hemisfério Norte o aprofundamento das divergências que passaram a existir entre Estados Unidos e México. “Esta manhã informamos à Casa Branca que eu não vou assistir à reunião marcada para a próxima terça-feira (31/01) com o Presidente dos Estados Unidos”, escrevia nas redes sociais o Presidente do México, Enrique Peña Nieto, que na véspera havia se surpreendido com a assinatura, por Trump, de ordem executiva dando sinal verde à construção de muro entre os dois países, tema-base de sua campanha, além da pretensão de deixar o custo da empreitada ao vizinho hispânico.

No mesmo Hemisfério, surge outro eixo de tensão, com potencial ainda maior de impacto ao planeta, com as grandes potências da China e da Rússia. Além de romper décadas de cuidados diplomáticos americanos quanto à Taiwan, o que já havia deixado de sobreaviso líderes governamentais e analistas ao redor do mundo, a nova gestão nomeia Secretário de Estado o executivo Rex Tillerson, conhecido pelo prestígio e proximidade ao governo russo, lembra o Presidente do CEBRI, José Pio Borges. Os Estados Unidos, com sua tradicional relação conflituosa com a Rússia, fortalecida pelas dúvidas e divergências dos últimos meses com relação à Síria e à melhor forma de combater o Estado Islâmico, estariam mudando as feições diplomáticas com relação ao antigo inimigo do tempo da Guerra Fria? Seria esta uma opção natural, se unir com o outrora inimigo para contrabalançar crescente e progressivo peso da China no globo? Como a China reagiria a isso?

Ex-Vice-Chanceler, o Embaixador Seixas Corrêa desenha cenários mais prováveis a partir de agora. Ele percebe o contato direto do Presidente americano com a Presidente de Taiwan como uma forma de provocação, em linha com as críticas que Donald Trump tem feito com relação a práticas comerciais chinesas. Um ponto de tensão, que deverá coexistir nos próximos quatro anos, será a tendência de a nova gestão americana reforçar alianças anglo-saxãs como Inglaterra, Austrália e Canadá. O *script* combina especialmente com a saída do Reino Unido da União Europeia e a perspectiva de o país se manter distante da Europa Continental. O Reino Unido e os Estados Unidos formam parceria histórica. Tanto é assim, que a Primeira-Ministra britânica, Theresa May, foi a primeira líder mundial a se encontrar com o novo presidente americano, no dia 27/01. Ao fim do encontro, Trump reforçou sua visão sobre o Brexit: “Uma Grã-Bretanha livre e independente é uma benção para o mundo”.

Quanto à Rússia, Seixas Corrêa pondera que, na prática, a evolução da postura americana dependerá, em grande medida, sobre como avançarão os movimentos futuros e a crise do enfrentamento do Estado Islâmico. A tendência, aponta o Embaixador, é que os Estados Unidos passarão a atuar mais como protagonista, de forma mais visível, e menos como apoiador de ações na região. Lembra, ainda, que ao contrário dos Estados Unidos, a China e a Rússia não têm o mesmo peso do calendário eleitoral e, por isso, tendem a atuar com maior calma, enquanto que os Estados Unidos se apresentam com maior pressão nos temas internacionais. É quase como se conflitos potenciais entre as três grandes potências estivessem sujeitos a um sistema de pesos e contrapesos – que existe, por conta, em especial, da interdependência que há entre Estados Unidos e China em vários campos, inclusive dos fluxos financeiros de títulos americanos.

E como, então, funcionaria e quais os efeitos esperados de uma aproximação Estados Unidos-Rússia, com relação à situação da Europa e ao parceiro chinês? O Conselheiro do CEBRI e Professor e Diretor da FGV, Renato Flôres, retorna ao século passado, para mostrar que a Rússia já poderia ter sido aliado natural dos Estados Unidos desde o fim da Segunda Grande Guerra, não tivesse o curso da história experimentado episódios que acabaram gerando a Guerra Fria e o antagonismo geopolítico. Nessa dimensão, e, caso prospere novo formato mais eficiente na relação entre as duas potências na Era Trump, o mundo estaria diante de um *game changer*, com sensibilidades regionais inevitáveis e, por isso, esforço adicional no exercício de diplomacia.

Conta a favor de uma aproximação EUA-Rússia, prossegue Flôres, o fato de haver interesse comum americano e russo em torno de objetivos convergentes no Oriente Médio. Em meio a uma aliança deste calibre, a Europa seria levada a redimensionar sua capacidade de sustentar e manter gastos com segurança e articulação diplomática, de forma menos dependente de terceiros parceiros, em especial, os Estados Unidos. Vale lembrar como Donald Trump vem se repetindo sobre uma revisão da atuação e manutenção da OTAN (NATO, em inglês) e do relacionamento americano com integrantes do pacto. Restaria, ainda, a uma nova aliança EUA-Rússia o imperativo de não melindrar ou constranger a China.

O Conselheiro do CEBRI resume, nesse sentido, o que talvez seja o principal ponto delicado de uma nova correlação de forças entre EUA, Rússia e China: até que ponto o Governo Trump terá interesse em gerar perturbações adicionais na relação com a China. Há motivos expressivos para a reflexão. O grau de interdependência entre EUA e China é significativo. O governo chinês detém grande volume de títulos do Tesouro americano, além de outros papéis, assim como são extensas as trocas intelectual, cultural e técnica entre os dois países.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Perspectiva histórica

Leia o artigo da revista *The Atlantic*, que em 2016 traçou minucioso quadro da perspectiva do Governo Obama para o mundo, em entrevista exclusiva do jornalista Jeffrey Golding com o então Presidente Barack Obama. A matéria atualiza e traça a Doutrina Obama, com recortes regionais.

The Obama Doctrine



<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2016/04/the-obama-doctrine/471525>

As críticas de Trump à China já levaram o Presidente chinês Xi Jinping a se declarar contra o protecionismo e eventual guerra comercial, no Fórum Econômico Mundial de Davos. Numa outra dimensão, a Câmara de Comércio Americana na China divulgou estudo segundo o qual quatro entre cinco empresas americanas sentem-se menos “bem-vindas” no país asiático, comparado há um ano, e pediu que Washington seja mais realista.

Fato é que as promessas de campanha e novas medidas em política internacional mobilizaram lideranças dos principais países. A recente decisão do Governo Trump em proibir a entrada de cidadãos de uma lista de países fez surgirem duras respostas. Foi o caso da Chanceler da Alemanha, Angela Merkel, que lamentou a decisão, segundo seu porta-voz. Até mesmo Theresa May, Primeira-Ministra do Reino Unido, expressou não concordar com a medida, conforme a imprensa local. E os sinais não parecem indicar que a administração Trump evitará ou buscará evitar promessas de campanha ou polêmicas junto à opinião

pública. Cumpre lembrar, que, ao contrário, meios de comunicação americanos e internacionais seguem sendo apontados pelo Presidente Trump e principais assessores como responsáveis pelas reações de contrariedade e oposição da opinião pública. Em meados de fevereiro, uma polêmica eclodiu e o Conselheiro de Segurança Nacional, Michael Flynn, renuncia em razão de conversas, não informadas à Casa Branca, que teria tido com o embaixador russo em Washington. A Rússia inicialmente tratou do assunto como questão interna americana.

A premissa de Donald Trump e seus adeptos em termos de política externa leva em

conta a percepção de que a presença americana no mundo se retraiu, com aversão ao emprego da força militar e redução de gastos em defesa. Surge daí o que se tornou mote central da plataforma Trump, o chamamento *America First!*, evidenciado na campanha e em decisões presidenciais em curso. O Embaixador Seixas Corrêa afirma que o lema não condiz com o discurso americano, nem com a Carta da ONU, e deixa a reflexão sobre se os Estados Unidos não caminham para uma forma de nacional capitalismo. O Conselheiro do CEBRI Renato Flôres tem claro que Donald Trump, talvez mais um capitalista clássico, venceu as eleições contra fortes setores americanos e governos ocidentais, num momento em que nada indica que o mundo caminhasse bem e que fosse Donald Trump o responsável exclusivo por turbulências no mundo.

Flôres avança com a visão de que o próprio funcionamento de organismos multilaterais ou mesmo a política interna norte-americana precisam ser renovados e, talvez, o novo presidente abra justamente essa possibilidade. De outra forma, o Ministro Marcílio Marques Moreira reconhece que o mundo vive neste momento um período de incerteza e angústia, uma época de mal estar, que não vem desde as eleições americanas, mas antes disso. E esse cenário não é nada simples. Ao contrário é quadro complexo, multifacetado, por envolver dimensões políticas, econômicas, culturais e éticas, eis que a velha hierarquia de valores foi-se dissolvendo, sem que houvesse tempo de construir-se um consenso mínimo quanto a novos valores. O mal estar, portanto, precede muito à eleição de Trump, que pode ser entendida como resultado da incerteza desconcertante e não como sua origem.

Há que lembrar-se da “*chienlit*” de 1968, a quebra por Nixon da paridade dólar-ouro, da crise financeira de 2008 que sucedeu à simbiose espúria China-Estados Unidos, e que foi percebida por muitos como deslegitimadora da democracia liberal de direito e de mercado. O regime de Trump não parece corresponder a um neo-capitalismo plutocrata, mas sim a um mercantilismo primevo. Como imagem, Marcílio Marques deixa como referências que a Rússia tenta reconstruir o império, a China lembra que já foi o maior país do mundo e os Estados Unidos, apesar do declínio percebido, seguem curso e buscam avançar, com taxas de crescimento inclusive positivas. A primeira edição do CEBRI *Breaking News* evidenciou múltiplas perspectivas sobre os principais acontecimentos recentes, em torno do eixo das superpotências. Novos quadros serão analisados e abordados daqui para frente.

“

O Ocidente nunca foi a única parte do mundo. Não é o Ocidente que tem sido atacado pelo Mundo, mas o Mundo pelo Ocidente. A própria Rússia foi invadida diversas vezes pelo Ocidente. Portanto, a preocupação da Rússia com ameaças do Ocidente são justificadas até certo ponto.”

José Pio Borges, citando o autor Arnold Toynbee e seu livro *“O Mundo e o Ocidente”*.

“

Os russos poderão fazer qualquer coisa que os Estados Unidos quiserem, menos se afastar da China. Então nós temos um jogo aí que torna as coisas não tão simples, mas que traz uma enorme mudança na situação atual, que, acho, será positiva.”

Prof. Renato Flôres, que esteve na Rússia há 45 dias

“

Atualmente, nota-se que os Estados Unidos jogam um jogo de curto prazo, condicionado pelas idiossincrasias de cada administração, enquanto a Rússia e a China jogam no longo prazo, sem a pressão do calendário eleitoral e das disputas políticas internas.”

Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa

“

Temos nos Estados Unidos um populismo, que também tem seu reflexo na Europa e em outras regiões do mundo. O mundo está procurando alguma coisa. Esse populismo, creio, mostra a procura de uma solução. Espero que as soluções que se seguiram a esse mal estar de 1930 não levem às consequências que houve naquela época. Acho que não há ainda esse risco. Mas ele não é desprezível. Há grande desafio no mundo, um grande desafio do Brasil. Sou, apesar de tudo, cautelosamente otimista.”

Ministro Marcílio Marques Moreira



Biografias

José Pio Borges de Castro Filho

José Pio Borges é Presidente do Conselho Curador do CEBRI. É graduado em Engenharia Mecânica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), com Mestrado em Engenharia Industrial – Finanças pela mesma universidade. Ademais, tem Master of Arts pela New School for Social Research – New York. Foi presidente do BNDES. Atualmente, é Sócio-Gerente da RJX Investimento Ltda, faz parte do Conselho Consultivo do Banco Calyon e do Banco Privado Português.

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

O Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa é Vice-Presidente do CEBRI. Serviu como Chefe de Missão no México, na Espanha, na Argentina, na Delegação do Brasil em Genebra (ONU e OMC), na Alemanha, na Santa Sé e no Consulado Geral em Nova York. No Brasil, desempenhou-se por duas vezes na Presidência da República: Assessor do Chefe do Gabinete Civil (1983/1985) e Conselheiro Internacional do Presidente da República (1987/1989). Foi Secretário Geral do Ministério das Relações Exteriores (Vice-Chanceler) em duas oportunidades (1992 e 1999-2001).

Marcílio Marques Moreira

O Ministro Marcílio Marques Moreira serviu no Itamaraty no Rio, de 1954 a 1957, e de 1957 a 1963 na Embaixada em Washington. Em maio de 1991, assumiu o Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, cargo que ocupou até outubro de 1992 (Governo Collor). Foi Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro 2001/2005 e Membro da Comissão de Ética Pública da Presidência da República, 2002/2008 (Governos FHC e Lula). Atualmente, é sócio-gerente de Conjuntura e Contexto – Consultoria Política, Comercial e Cultural.

Renato Galvão Flôres Jr.

Renato Flôres, membro do Conselho Curador do CEBRI, é Diretor do Núcleo de Prospecção e Inteligência Internacional, Professor da Escola de Pós-graduação em Economia e Assessor Especial do Presidente, todos os encargos na Fundação Getúlio Vargas. Possui vasta experiência de ensino e pesquisa nas suas áreas de interesse, com uma forte dimensão internacional. Especialista designado pelo governo brasileiro junto à World Trade Organization, na Suíça, e Presidente do capítulo brasileiro da European Community Studies Association, com sede em Bruxelas. Possui intensa produção científica em suas áreas de trabalho, teses sob sua direção tendo recebido diferentes prêmios.

Conselho Curador CEBRI

Presidente do Conselho Curador
José Pio Borges de Castro Filho

Vice-Presidentes do Conselho Curador
José Luiz Alquéres
Luiz Felipe de Seixas Corrêa
Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos
Daniel Miguel Klabin
José Botafogo Gonçalves
Luiz Augusto de Castro Neves
Rafael Tiago Juk Benke

Conselheiros
Armando Mariante
Armínio Fraga Neto
Carlos Mariani Bittencourt
Celso Lafer
Claudio Roberto Frischtak
Denise Nogueira Gregory
Gelson Fonseca Junior
Henrique Costa Rzezinski
José Aldo Rebelo Figueiredo
Luiz Fernando Furlan
Marcelo de Paiva Abreu
Marco Aurélio Garcia
Marcos Castrioto de Azambuja
Maria Regina Soares de Lima
Pedro Sampaio Malan
Renato Galvão Flôres Junior
Roberto Pinto Mameri Abdenur
Roberto Teixeira da Costa
Roberto Giannetti da Fonseca
Ronaldo Camargo Veirano
Ronaldo Mota Sardenberg
Sérgio Franklin Quintella
Sérgio Silva do Amaral
Vitor Sarquis Hallack
Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2017 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org